

UMA CONVERSA SOBRE A “CHEGADA” DO LIVRO ILUSTRADO NO BRASIL: ENTREVISTA COM CRISTIANE ROGERIO

Clara Gavilan
A casa tombada - FACONNECT
Universidade Autônoma de Barcelona
claragavilan@gmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.11279022>

Recebido em 15 de outubro de 2023

Aceito em 12 de dezembro de 2023

Quando pensamos na história do livro ilustrado brasileiro, nos acontecimentos mais importantes, nas autoras que se destacaram e inovaram, nos veem à cabeça criadoras como Angela Lago e Eva Furnari. Ambas no início mais focadas na produção de imagens, começaram suas carreiras nos anos 1980 e, cada uma à sua maneira, explorava o livro como objeto em um momento que isso ainda era raridade por aqui. Ouvir a jornalista e pesquisadora Cristiane Rogerio falando sobre estes marcos na linha do tempo (ou linhas do tempo?) da história da literatura para a infância no Brasil - pela qual ela tanto se interessa - faz nos sentirmos “lá”, próximas e próximos dos acontecimentos que ela narra. Porque ela estava lá pelo menos desde os anos 2000, entrevistando, lendo e escrevendo sobre estas e outras produções e tentando entender do que se tratava este jeito de narrar histórias. E, o melhor, estava convivendo com as pessoas, vendo os livros nascerem ou grandes clássicos chegarem ao Brasil.

Cristiane Rogerio é especialista em livro para a infância, de maneiras diferentes. Primeiro, entrevistando, lendo, pesquisando, aprendendo e escrevendo na revista e site *Crescer* (Editora Globo), desde 2005, fazendo resenhas, reportagens e a lista dos 30 Melhores Livros Infantis do Ano, que é publicada sempre em junho. Depois, em 2016, abriu na coordenação pedagógica o curso de pós-graduação lato sensu *O Livro Para a Infância – Processos Contemporâneos de Criação, Circulação e Mediação*, n’ *A Casa Tombada* (pólo Facconnect), que em 2024 está a caminho da 11ª turma, mesmo ano em que, ao lado de Clara Gavilan, abre outro curso de pós, *Criação de Livro Ilustrado – Repertórios e Experimentações para Produções Autorais*. Ela narra um pouco desta trajetória em sua dissertação de mestrado em Arte Educação no Instituto de Artes da UNESP. Como jornalista, atualmente é colunista da Revista *Crescer* sobre o tema, escreve também no blog *Esconderijos do Tempo* e outras publicações. É autora dos livros *Carmela Caramelo* (com André Neves, pela Editora Cortez) e *Bebês do Brasil* (com a *Crescer*, pela Editora Globo), e colabora com instituições como o SESC, escolas e outras instituições.

Por isso, quando pensamos em reunir textos e estudos sobre criadoras de livro ilustrado brasileiras, não poderíamos deixar de chamar Cristiane para nos contar sobre tantos bastidores e como ela olha para trás e observar o que autoras como Angela e Eva já estavam fazendo.

Como foi sua entrada no universo do livro ilustrado?

Eu estava na *Revista Crescer* como jornalista da área de cultura e educação, onde eu tinha uma posição de especialista, porque eu cuidava da curadoria dos livros infantis que chegavam. A memória que eu tenho do termo livro ilustrado, ou *picturebook*, como conceito, pensando que na época não estava tudo tão explícito assim, com certeza foi em torno dos livros da editora Cosac Naify. Fui entendendo tudo aos poucos, mas os anos de 2006 e 2007 com a chegada de *A Árvore Generosa*, de Shel Silverstein, que a editora relançava no Brasil, *Ismália*, de Odilon Moraes, e *Lampião e Lancelote*, do Fernando Vilela, que eu achava maravilhoso, mas tinha muitas dúvidas do que eu estava lendo, que tipo de livro era aquele. Estou envolvida na Os 30 melhores livros infantis do ano da *Crescer* desde o começo. Embora ela tenha saído em 2006 com uma primeira versão de “biblioteca básica”, esta lista começa em 2007 e Shel Silverstein entra nela com o livro *A árvore generosa*. E, quando eu tenho contato com o livro, começo a pesquisar o autor e descobrir que é uma pessoa já falecida e que tem uma certa importância. Tudo isso quem me ensina? A própria editora mandando o livro, as conversas que eu tinha com Vanessa Gonçalves e a Isabel Coelho, que eram as editoras da Cosac Naify, e com os releases que elas enviavam, além de um material bastante rico que a Cosac produzia no site. E hoje nos estudos n’ A Casa Tombada, tanto na pós-graduação O Livro Para a Infância, quanto na Criação de Livro Ilustrado, a gente sabe que isso era um movimento de estudo que acontecia àquela época, meio intuitivamente na equipe da Cosac e no entorno. Era só uma editora tentando ser uma editora, mas no fim isso provocou um movimento de estudos com a

participação fundamental do Odilon Moraes, que é um autor e pesquisador importantíssimo, e que começou a dar cursos para as equipes e ser uma espécie de consultor do catálogo. Então, tinha isso lá na Cosac Naify e me afetava como jornalista da área. Provavelmente afetou outras pessoas, mas eu só posso falar por mim, e posso falar que mudou tudo.

O *Lampião e Lancelote* do Fernando Vilella, por exemplo, ganhou um destaque imenso. Chamava atenção fisicamente, porque era um livrão, grande, e ainda abria abas no meio da história. Ganha prêmios e com ele foi a primeira vez que eu ouvi falar na Feira do Livro Infantil de Bologna, na Itália, que é a mais importante do mundo, pois o *Lampião* ganhou prêmios lá.

Para fazer a resenha quando ele entrou na lista dos melhores livros infantis de 2007 eu sofri. Tem uma complexidade sobre onde é que esse livro se encaixa nas divisões do mercado do livro. Como é que eu vou falar sobre esse livro? Eu precisava de ajuda para escrever sobre ele. Por quê? Porque eu não tinha linguagem para falar sobre ele, que é uma coisa que eu busco eternamente. Eu acho que cada livro que chega, ou cada aula que eu assisto, ou que a gente prepara, me dá uma nova linguagem. Então, esse processo de ter contato com o livro ilustrado me vem muito dessa consciência do que era o livro ilustrado como linguagem. Essa narrativa híbrida das relações entre texto, imagem e objeto.

Mas, claro, já tinha visto também, mais ou menos no mesmo período, o *Ismália* e o *Pedro e Lua* de Odilon Moraes. Então, era um repertório que eu não tinha antes de chegar na revista e fui aprendendo. Tive que ir atrás de livros que foram lançados antes, ler sobre os autores. Aquilo de um livro puxar outro, eu começo a ter mais entrevistas com autores, que me falam dos processos

criativos, do que queriam dizer com os livros, frequentar outros lugares, conhecer pessoas. E as reportagens também me faziam ir atrás de tudo.

Às vezes as próprias editoras ou autores me falavam: “você não tem esse livro? Então eu vou enviar para você”. Hoje vejo que sempre foi uma formação, como se eu tivesse começado um curso e nunca mais tivesse parado. Uma formação de repertório, que, para mim ali, era tudo muito novo. E aí, vai se consolidando.

Quando a Cosac Naify traz o *Onda*, da Suzy Lee, é um marco muito forte. Eu tinha conhecido já este livro, então tinha uma ideia da importância. Mas nem imaginava que era uma trilogia, que viria *Sombra e Espelho*. Eu fui me apaixonando, só queria pensar sobre isso. Aí em 2011 vem seu livro teórico *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*, que aí é um espanto profundo. Aí demora para eu me dar conta de quanto a Angela Lago, que já estava ali no meu repertório, já também fazia isso, já usava a dobra, as margens, para narrar a história. Mas a Suzy Lee me impacta. Aí eu faço uma entrevista com ela por e-mail, e uma outra repórter faz uma entrevista em vídeo e vamos aprendendo.

Quando vem o *Onde Vivem os Monstros*, do Maurice Sendak, aí eu vou entendendo tudo. O tamanho desse livro. Mas ainda era muito pouco perto do que eu entendo hoje. Porque o livro *Onde Vivem os Monstros* chega em 2009, junto com o filme do Spike Jonze. Esse é o ano em que vou conversar com o Odilon Moraes pela primeira vez também. Quer dizer, eu vou entendendo o que é esse objeto, já começo a escrever sobre isso. Esse objeto, essa coisa do corpo do livro, e que tem uma razão para ser grande, uma razão para ser pequeno, tem uma textura... essa materialidade. Provavelmente eu usava outras palavras. Com *Onde Vivem os Monstros*, eu fico, no primeiro momento, muito impactada

com o tema. E tentando entender o que aquele livro fazia comigo. E já respeitando aquela linguagem. Como quando você começa a entender de música ou a conhecer música. E alguém te fala dos Beatles. Às vezes você vai lá e não entende de cara o que eles fizeram, o que eles representam na música, mas você vai entendendo aos poucos a cada disco, a cada coisa que você vai conhecendo a mais sobre a história deles. Então é a mesma coisa. Porque é um movimento artístico em que eu estava me infiltrando. Só que eu não sabia que isso era um momento histórico para a gente aqui no Brasil. E aí o tempo vai passando. Em 2011 tem os livros teóricos. Então, chega o Peter Hunt, falando mais dessa relação da crítica, e o tipo de livro etc. Vem a Sophie Van der Linden, a Maria Nikolajeva e a Carole Scott..., mas o da Sophie Van der Linden *Para ler o livro ilustrado* é o que me impacta mais. E aí eu começo a entrar na teoria já tendo mais noção do que são aqueles livros que ela cita, que a Cosac publica muitos para poder trazer a teoria depois. Embora ainda conhecesse pouco, começo a mergulhar. E em 2012 o Odilon Moraes, a Rona Hanning e o Maurício Paraguassu lançam o *Traço e Prosa*. Esse livro com uma série de entrevistas com os ilustradores e que eles levam quase 10 anos para fazer desde a ideia do Augusto Massi (editor geral da Cosac Naify), que sugere ao Odilon e ao Maurício. O Maurício também participava dessas formações que o Odilon fazia na Cosac. Eles vão, começam as entrevistas, é um processo muito longo, e um processo que a palavra, o *picture book*, o termo livro ilustrado ou livro álbum ainda não fazia parte do vocabulário, nem deles. Que isso é uma coisa que vão associando, que fizeram uma discussão da ilustração, do papel da ilustração nos livros. E o que poderia estar acontecendo dos anos 90, 2000 para cá. Ao mesmo tempo, pontuando a história da Angela-Lago e

da Eva Furnari, que numa década anterior já tinham livros apostando na imagem como narrativa, o objeto livro também, nós já víamos essa relação! Isso tudo que eu estou falando, o tempo inteiro eu estou indo e voltando no tempo, claro, porque quando eu tento me colocar naquele momento eu só via o livro que estava acontecendo ali, como se cada livro me ensinasse um pouco mais, e aí eu vou fazendo as relações.

Mas não tenho consciência disso. Tenho consciência do que é depois, principalmente depois do *Traço e Prosa*. É o mesmo ano que eu faço um curso com o Odilon Moraes e o Fernando Vilela, e a gente já começa a nomear o livro ilustrado. Tem um lugar dele ali e nós acabamos colocando-o em uma discussão contemporânea. *O Livro Inclinado*, do Peter Newell, por exemplo, quando eles lançam acho que em 2008, e a gente sabe que é um livro de 1910, então desequilibra essa coisa do contemporâneo! O que é o contemporâneo se eu estou falando de uma coisa que já tem 100 anos? Então, essa que é a minha pesquisa, esse vai e vem que a gente faz. Até hoje chegar numa espécie de consenso, de mãos dadas, guiadas, vamos pensar assim, pelo Odilon Moraes, pensando que o *Flicts*, que era aquele livro que todo mundo conhecia, que todo mundo tinha lido, e era o amor das pessoas, e da infância das pessoas e tal, o livro de 1969 do Ziraldo, sendo o primeiro livro ilustrado brasileiro, pensando assim, que não dá pra tirar um elemento ali da imagem, pra entender aquela história, enfim. Pensando que o livro ilustrado é a dança, como diz Odilon, dessas três linguagens, esse gênero híbrido.

As décadas de 2000 e 2010 acontece muita coisa. Pois, acabam acontecendo uma série de situações e de publicações. E vamos olhando para outras obras que já estavam nas prateleiras aqui. Por exemplo, no *A Casa Sonolenta*, da Audrey e do Don Wood, que é num livro

megaclássico dos anos 80, e que está aqui desde os anos 90. Ele é um livro de texto acumulativo, a imagem também é, e aí, na verdade, quando você acaba o livro, você vai perceber que a tal pulga da história estava lá na imagem o tempo inteiro desde o começo. Então, é um livro ilustrado, para mim. Se a gente tivesse notado que a pulga estava lá, a gente saberia que a gente iria ter aquela explosão de coisas e animais e todo mundo na cama no final, que é o que a pulga provoca. Quando começamos a falar mais sobre isso, e quando a *Revista Crescer*, começa a escrever esse termo, a pensar nesse termo, a descrever como são estes livros, se é grande, se é pequeno, que a história está lá dentro tem a ver com o tamanho... a gente já está falando de livro ilustrado.

Como jornalista você teve a oportunidade de entrevistar grandes nomes do livro ilustrado brasileiro. Como você vê a presença das mulheres nessa área?

É muito curioso porque tudo isso até que eu contei na pergunta anterior, eu ia sentindo, por exemplo, a cada vez que eu estava diante de um livro da Eva Furnari. Eu lia e amava e queria entrevistá-la de novo, e me divertia, e achava profundo e via os detalhes todos. Talvez fossem sinais de que eu estava encontrando um lugar para a minha vida ali... é a Eva Furnari, né... e a Eva, se você perguntar para ela, ou elaborar com ela, talvez ela não nomeie o que faz como livro ilustrado. Porque a imagem e a palavra estão sempre em relação para ela. A vida toda. E aí, quando nós pegamos, por exemplo, livros como *Você Troca e Assim Assado*, ela faz a brincadeira da palavra e da imagem. Nas molduras das páginas sempre tem uma relação a mais. Então, assim, podemos ver como uma ilustração, mas é um jeito de pensar o objeto. Ela brinca. Então, toda hora, você acha que é a mesma moldura, mas é

outra! Tem que estar atento, ela sempre muda algo. Porque ela está brincando, ela põe lá um elemento que tem a ver: um rabo, uma mão, que tem a ver com o que ela está narrando. E, ao mesmo tempo, ela é a pessoa que, conscientemente, eu tenho como referência de infância, memória de leitura. Eu não tive uma infância com muitos livros, mas na minha escola pública e na biblioteca do bairro, tinha a Eva Furnari.

Quando a gente faz uma retrospectiva do livro ilustrado no Brasil, acho que falamos mais ainda por um período dos homens. Embora tivesse além da Eva, Marilda Castanha, Graça Lima. Isso eu estou falando do meu recorte. A gente vai ter uma exposição que fala sobre a Eva e Angela-Lago em 2017, mesmo ano que a Angela morre, produzindo muito. Como jornalismo, certamente a gente não fez o que a Angela-Lago merecia. Não entendemos ela como jornalismo que pensa o livro para a infância. Nós entendemos isso muito tarde, então temos pouco registro.

Hoje, por exemplo, não dá para falar de livro para a infância, livro ilustrado ou que seja livro sem falar da Angela Lago e da Eva Furnari. Agora, o que a gente tem muito da presença das mulheres são os estudos, como por exemplo a Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo... Temos mulheres estudando a literatura para a infância. Nos anos 90, como eu disse, já tínhamos junto Marilda Castanha, Graça Lima, Mariana Massarani, Helena Alexandrino..., mas dos anos 2000, 2010 para cá também vão trazendo outras mulheres. A Marilda Castanha e a Lúcia Hiratsuka estão, há décadas, fazendo livros e vão encontrando o seu lugar. Já eram destaques, um destaque tanto de quantidade de livros, de produção de livros, mas também vão se entendendo no próprio traço: o que fazem, o que produzem, o que querem. Aí a gente tem a história, por exemplo, bem forte da Aline Abreu que lança livros, depois sai

do mercado para se entender como artista, tem uma série de dúvidas e talvez essas dúvidas tenham a ver com esse não-lugar das mulheres. E depois volta e se consolida como ela é hoje, uma das principais. E aí acho que tem quem vai chegando, que é você mesma, Clara Gavilan, a Carol Fernandes, Amma, Bruna Lubambo, fora Ionit Zilberman, Raquel Matsushita e outras que já publicavam. Vão todas se misturando nesse lugar do livro ilustrado. Hoje eu não sei se tem uma coisa de homem ou mulher. Eu acho que isso já está bem misturado, sabe? Mas pode ser também uma visão minha que tenho acesso. Então, isso seria uma coisa interessante para estudar, para mapear.

Para você, quais autoras de livro ilustrado se destacam na história desse gênero literário no Brasil?

Temos que falar da Angela Lago como primeira, porque suas obras como *Cântico dos Cânticos*, *Cenas de Rua*, *Outra Vez* são o encontro profundo com o objeto livro. A Eva Furnari eu acho que em muitos livros esse pensamento está presente, de uma maneira diferente. Marilda Castanha, Aline Abreu. A Ionit Zilbermann eu acho que também vai se pousando melhor nesse campo do livro ilustrado. Acho que ela vai se colocando, se arriscando. Porque para o ilustrador, no caso da Ionit, como ela tem livros com outros escritores, ela ainda não tem um livro só dela, tem sempre essa relação, esta tentativa. Então é uma relação de arriscar, porque é uma relação complexa: vem um texto e ela tem que se relacionar com o texto. E a Clara Gavilan, a Carol Fernandes, a Amma, chegam depois já nesse território, como diz Odilon. A Bruna Lubambo também, acho que tem esse olhar. Mas eu acho que você, a Carol Fernandes, a Aline Abreu, Lucia Hiratsuka, são as que estão olhando para, pousando e já relaxando nesse lugar, no relax, nesse lugar do

livro ilustrado. Para mim é isso. A Eva e a Ângela são as nossas mestras, as rainhas que já têm o seu lugar. Nesse estudo são vocês.

O que você vê de particular e de comum entre as criações dessas autoras?

Pergunta difícil, né? Eu acho que o comum é esse estudo, não necessariamente um estudo acadêmico, mas um estudo do dia a dia. Que é pensar o que está fazendo. Falar sobre o que faz, sobre como está construindo o livro. Ter consciência de que pode estar diante de um livro ilustrado. O pensamento da sequência, da ocupação dos espaços, do projeto gráfico inteiro, enfim, como é o livro? Essa argumentação de poder discutir o livro, de pensar o livro, de discutir isso diante de uma editora ou até se tiver alguma relação com o escritor.

Eu acho que há uma identificação da estética. Já vão tentando descobrir o que ela pensou para poder propor esse jogo de livro ilustrado. A possibilidade, de, sim sugerir para o escritor, olha, e se a gente mudasse aqui? E se a gente pusesse isso aqui nessa página? E se a gente tirasse essa frase? E estão criando seus próprios repertórios. Como se cada uma tivesse ali o seu próprio catálogo ou o planeta, como Odilon, Stela Barbieri e o Fernando Vilela nomearam na exposição do Sesc Santo André, de 2017. Quer dizer, são planetas, mas que eles se conectam, eles não estão isolados completamente. Estão dentro de um sistema. Então, por isso que eu vejo como se tudo fosse uma editora só, um catálogo só. Todo mundo se relaciona com o que está fazendo. Pode ser desde pensando em livros para bebês, ou pensando em livros sanfonados, sei lá. Mas também tem a sua própria estética. Eu acho que isso é o que eu poderia falar de bate-pronto.

Como você vê a criação feminina atual de livro ilustrado?

Hoje no Brasil, a gente tem uma sedimentação. Eu acho que a gente tem uma consolidação mesmo, mas não que ela seja suficientemente reconhecida. Eu acho que, por exemplo, fora do Brasil, devem estar ainda mais conhecidos o Renato Moriconi, o Odilon Moraes, o Nelson Cruz... Mas nós temos uma solidez aqui importante, bonita, feminista e marcante, própria dessas mulheres. Eu acho que isso tem coisas que estão ali que outros não fariam. Não vou elaborar uma discussão sobre gênero tão profunda, porque talvez não caiba aqui em muitos sentidos. Hoje, por exemplo, se eu for montar um acervo básico só de livro ilustrado, jamais não teria essas mulheres. Na minha concepção, não existe. Primeiro por causa do conceito de curadoria, da bibliodiversidade etc., mas porque elas são essenciais. São essenciais para esse pensamento de livro, para repertório de pensamentos nossos de leitura desde a infância.

Pensando na análise das décadas, eu acho que estamos na melhor fase porque tinha muito mais somente escritoras. Vem na mesma ordem de sempre: quem domina primeiro é o homem e depois o homem branco. Depois vem a mulher e a mulher branca, depois vem o homem negro ou indígena. Agora estão apontando como mercado, as ilustradoras indígenas.

O campo da literatura infantil, literatura infantil juvenil, é pouco valorizado, principalmente como arte. Então a gente tem que lutar por tudo. Só que tem uma ordem de quem vai ganhando o lugar. Agora estamos nessa fase, eu penso, de ilustração e ainda temos muito por fazer. Pensando não só o tipo de ilustração, porque aí tem a Ciça Fittipaldi, que eu não falei sobre ela, como ilustradora! O que ela pesquisa como artista e para onde ela joga os nossos olhos, já nos

anos 80, para a cultura indígena! Mas tem esse período de que ela faz outras coisas, que ela se afasta, agora está voltando a publicar. Então, tem uma imprecisão da ocupação dessas mulheres, mas que eu acho que agora não tem como voltar atrás, não tem... não vai parar. Agora é só caminhar, porque tem quantidade, sim. Não só de vocês, como ilustradoras, mas de livros, de mercado, de consumo, de livraria. Aqui isso se consolidou e não tem como vocês pararem de publicar. E hoje... O que essas ilustradoras indígenas podem contribuir para o pensamento do livro ilustrado como gênero? Vamos olhar para tudo isso junto. Estamos nessa fase.

Referências

FURNARI, Eva. *Assim Assado*. Moderna Literatura: São Paulo: 2011.

FURNARI, Eva. *Você Troca*. Moderna Literatura: São Paulo: 2011.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Cosac & Naify: São Paulo, 2010.

LEE, Suzy. *A trilogia da margem: o livro-imagem*. Cosac & Naify: São Paulo, 2012.

LEE, Suzy. *Espelho*. Cosac & Naify : São Paulo, 2009.

LEE, Suzy. *Onda*. Cia das Letrinhas: São Paulo, 2017.

LEE, Suzy. *Sombra*. Cia das Letrinhas: São Paulo, 2018.

LINDEN, Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Cosac & Naify/SESI-SP: São Paulo, 2011.

MORAES, Odilon, HANNING, Rona e PARAGUASSU, Maurício. *Traço e*

Prosa: entrevista com ilustradores de livros infantojuvenis. Cosac & Naify: São Paulo, 2012.

MORAES, Odilon. *Ismália*. SESI-SP: São Paulo, 2018.

MORAES, Odilon. *Pedro e Lua*. Jujuba: São Paulo, 2017.

NEWELL, Peter. *O Livro Inclinado*. Ciranda Cultural, São Paulo: 2020.

NIKOLAJEVA, Maria e SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavra e imagens*. Cosac & Naify: São Paulo, 2011.

SENDAK, Maurice. *Onde Vivem os Monstros*. Companhia das Letrinhas: São Paulo, 2023.

SILVERSTEIN, Shel. *A Árvore Generosa*. Tradução Fernando Sabino. Cia das Letrinhas: São Paulo, 2017

VILELA, Fernando, q *Lampião e Lancelote*, Pequena Zahar, São Paulo: 2016.

WOOD, Audrey e WOOD, Don. *A Casa Sonolenta*. Ática: São Paulo, 2019.